



Apostolado do Oratório – Meditação dos Primeiros Sábados

3º Mistério Luminoso – Setembro – 2014



Anúncio do Reino e o convite à conversão

Introdução:

Vamos dar início à meditação reparadora dos primeiros sábados, que nos foi indicada por Nossa Senhora, quando apareceu em Fátima em 1917. Pedia Ela que

comungássemos, rezássemos um terço, fizéssemos meditação dos mistérios do Rosário e confessássemos em reparação ao seu Sapiencial e Imaculado Coração. Para os que praticassem esta devoção, Ela prometia graças especiais de salvação eterna.

As leituras e o Evangelho de amanhã abordam a importância da correção fraterna e do amor ao próximo. Se fosse possível resumir tudo numa só frase, repetiríamos o pensamento de São Paulo em sua Carta aos Romanos: “*O amor não faz nenhum mal contra o próximo. Portanto, o amor é o cumprimento perfeito da Lei*” (Rm 13, 10).

Dedicaremos o dia de hoje à meditação desta sublime verdade.

Composição de lugar:

Como composição de lugar, devemos nos imaginar entre a multidão de judeus que seguiam o Messias e recebiam d’Ele os mais belos ensinamentos.



Oração Preparatória:

Ato de caridade

Ó Jesus, meu Deus e meu Senhor, eu Vos amo de todo o meu coração e desejo amar-Vos o quanto mereceis, fazei que eu Vos ame acima de todas as coisas, agora e por toda a eternidade. Dai-me, também, um amor entranhado ao próximo, a fim de que eu o ame como vós desejais. Amém.

Evangelho de São Mateus (5, 38-48).

⁴³ *Vós ouvistes o que foi dito: “Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo!”*
⁴⁴ *Eu, porém, vos digo: Amai os vossos inimigos e rezai por aqueles que vos perseguem!* ⁴⁵ *Assim, vos tornareis filhos do vosso Pai que está nos Céus, porque Ele faz nascer o Sol sobre maus e bons, e faz cair a chuva sobre os justos e injustos.*
⁴⁶ *Porque, se amais somente aqueles que vos amam, que recompensa tereis? Os cobradores de impostos não fazem a mesma coisa?* ⁴⁷ *E se saudais somente os vossos irmãos, que fazeis de extraordinário? Os pagãos não fazem a mesma coisa?*
⁴⁸ *Portanto, sede perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito (Mt 5, 38-48).*

I – O preceito do amor universal

⁴³ *Vós ouvistes o que foi dito: “Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo!”*

Quando, posto à prova, o Divino Redentor perguntou ao doutor da Lei o que nela

estava escrito (cf. Lc 10, 25-26), este logo respondeu de maneira acertada, citando os Livros do Deuteronômio e do Levítico: “*Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todas as tuas forças*” (Dt 6, 5) e a “*teu próximo como a ti mesmo*” (Lv 19, 18). Conheciam os judeus perfeitamente o preceito do amor universal, todavia consideravam como “próximos” apenas os seus compatriotas.

Verdadeiro autor e intérprete da Lei, Nosso Senhor Jesus Cristo corrige as interpretações falseadas da Lei de Moisés, que a alteravam e empobreciam, para dar nova plenitude aos Mandamentos e ensinamentos antigos. Ele mostra quão vazia é, em contraposição ao Evangelho, a moral dos fariseus, que se baseava em centenas de regras e nas aparências favorecendo muitas vezes a hipocrisia. Falando em primeira pessoa, Ele realmente “*ensinava como quem tinha autoridade e não como os escribas*” (Mt 7, 29).

44 Eu, porém, vos digo: Amai os vossos inimigos e rezai por aqueles que vos perseguem!

Segundo a Nova Lei, os discípulos d’Aquele que é “*manso e humilde de coração*” (Mt 11, 29) não deverão amar menos os que os aborrecem, perseguem e caluniam do que os que os estimam, exaltam e abençoam. Se queremos ser filhos de Deus, precisamos ter uma completa isenção de ânimo em relação aos inimigos e rezar por eles. A glória de Deus exige que procuremos fazer o possível para a conversão de todos, imitando o sublime exemplo de Jesus no alto da Cruz. Qual foi sua primeira palavra, pronunciada em relação aos que O crucificavam? “*Pai, perdoa-lhes; porque não sabem o que fazem*” (Lc 23, 34).

Por certo, não se deve ser indolente e permitir aos adversários da Igreja agirem livremente contra Ela, implantando a injustiça na Terra. Se é obrigação amar os inimigos, é necessário também odiar o pecado! Cumpre, pois, pedir a intervenção divina para fazer cessar o mal e empregar todos os meios — sempre conforme a Lei de Deus e a dos homens — para que este não domine e vença no mundo.

1 – A generosidade infinita de Deus

45 Assim, vos tornareis filhos do vosso Pai que está nos Céus, porque Ele faz nascer o Sol sobre os maus e os bons e faz cair a chuva sobre os justos e injustos.

Assim como o Pai que está nos Céus “faz cair a chuva sobre os justos e injustos”, também derrama as suas graças sobre todos, inclusive sobre os miseráveis e os malfeitores. Deus criou os Anjos e os homens com o intuito de terem parte em sua felicidade absoluta. Tão grande é seu amor por nós e seu desejo de salvar-nos, que enviou seu Filho Unigênito a fim de Se encarnar e suportar os tormentos da Paixão para resgatar o gênero humano e lhe abrir as portas do Céu.

Sendo esta a vontade do Pai, cabe-nos trabalhar com ardor, não apenas pela salvação de todos os que lutam neste vale de lágrimas, mas com nossas preces e sacrifícios, a libertação das almas que padecem no Purgatório.

2 – O amor é o sinal distintivo dos cristãos

⁴⁶ Porque se amais somente aqueles que vos amam, que recompensa tereis? Os cobradores de impostos não fazem a mesma coisa? ⁴⁷ E se saudais somente os vossos irmãos, o que fazeis de extraordinário? Os pagãos não fazem a mesma coisa?

Para podermos calcular a indignação dos fariseus serem comparados aos pagãos e cobradores de impostos, considerados tão desprezíveis, basta recordar a parábola na qual Nosso Senhor explicita o que era o estado de alma da maioria dos fariseus: *“Graças Te dou, ó Deus, que não sou como os demais homens: ladrões, injustos e adúlteros; nem como o publicano que está ali”* (Lc 18, 11).

A insuperável didática do Divino Mestre nos leva a compreender facilmente através destas duas confrontações que amar os amigos e benfeitores nada tem de extraordinário. O mérito está em querer o bem até dos que nos atacam, roubam ou injuriam.

A esse respeito, esclarece Santo Agostinho: *“Só a caridade distingue os filhos de Deus dos do demônio. Persignem-se todos com o sinal da Cruz de Cristo; respondam todos: Amém; cantem todos: Aleluia; batizem-se todos; frequentem a igreja, apinhem-se nas basílicas; não se distinguirão os filhos de Deus dos do demônio a não ser pela caridade. [...] Tens tudo o que quiseses; se te falta só a caridade, de nada te aproveita tudo o que tiveres”*.(1)

Desta forma, ao notarmos a antipatia de alguém por nós, deveríamos pensar: *“É por este que vou rezar, para que Nossa Senhora lhe obtenha a graça da salvação eterna.*

Essa atitude de alma apaga a chama do maldito ressentimento.

II – O heroísmo do perdão

Jesus nos convida a segui-Lo pelas vias heroicas da caridade, da paciência e do perdão máximo, rápido e total. Por este motivo não podemos guardar ressentimento contra ninguém, mas devemos esquecer *a priori* qualquer ofensa pessoal. Nós, cristãos, precisamos ser um verdadeiro mar de perdão, como ensina o Apóstolo: *“Toda amargura, ira, indignação, gritaria e calúnia sejam desterradas do meio de vós, bem como toda malícia. Antes, sede uns com os outros bondosos e compassivos. Perdoai-vos uns aos outros, como também Deus vos perdoou, em Cristo”* (Ef 4, 31-32).

Se não perdoamos não podemos sequer rezar o “Padre Nosso”, que a esse respeito é claríssimo: *“perdoai as nossas ofensas assim como nós perdoamos aos que nos tem ofendido”*. Quando Nosso Senhor termina voltou a dizer: *“se não perdoardes aos homens, tampouco vosso Pai vos perdoará”* (Mt 6, 15).

Essa disposição interior que torna agradável o convívio entre os cristãos, chamava a atenção dos pagãos, nos primórdios da Igreja: *“Vede como eles se amam e como estão dispostos a morrer um pelo outro”*.(2) Ora, passados dois mil anos de Cristandade, seria de se esperar que os ensinamentos do Divino Mestre tivessem penetrado nas instituições, nos costumes e no relacionamento humano, a ponto de ser a sociedade de hoje mais marcada pela caridade e benquerença do que foi outrora, como um vinho cujo sabor se requinta com o correr do tempo. Infelizmente não foi o que ocorreu.

III – Conclusão

48 Portanto, sede perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito!

Jesus formula, com uma clareza irrefutável, a meta e o objetivo de nossa vida: imitar o Pai celeste, modelo absoluto de santidade, adequando a Ele nossa mentalidade, inclinações e desejos. Mas como seremos perfeitos como Deus é perfeito? Por que meio chegaremos até essa suprema perfeição, impossível para nossa débil natureza? Nosso Senhor teria, então, dado um conselho impraticável? Ou seria um exagero didático? Ele poderia ter dito: “*Sede perfeitos como Moisés foi perfeito, como Abraão, como Isaac, como Jacó*”... Por que reportar a tão elevada perfeição? Ocorre que o Filho, a Segunda Pessoa da Trindade, o Verbo incriado, igual ao Pai, assumiu nossa natureza, e, sendo Homem, como modelo supremo da humanidade, reproduziu em Si a perfeição do Pai, instando-nos a fazer o mesmo.

Com o Batismo nos é infundida a graça santificante — participação na vida divina —, acompanhada das virtudes e dos dons, permitindo-nos realizar ao modo divino aquilo que, pelas meras forças humanas, seria totalmente impossível. Portanto, não nos contentemos em cumprir só os Mandamentos. Muito mais que isso, devemos querer assemelhar-nos a Nosso Senhor, procurando ser perfeitos como Ele, para atender ao altíssimo convite feito no Sermão da Montanha. Este é o sentido da jaculatória que encontramos na Ladainha do Sagrado Coração: “*Jesus, manso e humilde de Coração, fazei nosso coração semelhante ao vosso!*”.(3)

Oração Final:

Oração de São Francisco

Senhor! Fazei de mim um instrumento da vossa paz.

Onde houver ódio, que eu leve o amor.

Onde houver ofensa, que eu leve o perdão.

Onde houver discórdia, que eu leve a união.

Onde houver dúvidas, que eu leve a fé.

Onde houver erro, que eu leve a verdade.

Onde houver desespero, que eu leve a esperança.

Onde houver tristeza, que eu leve a alegria.

Onde houver trevas, que eu leve a luz.

Ó Mestre, fazei que eu procure mais: consolar, que ser consolado; compreender, que ser compreendido; amar, que ser amado.

Pois é dando que se recebe.

É perdoando que se é perdoado.

E é morrendo que se vive para a vida eterna. Amém.

Notas bibliográficas:

- 1) SANTO AGOSTINHO. In Epistolam Ioannis ad Parthos tractatus decem. Tractatus V, n.7. In: *Obras*. Madrid: BAC, 1959, v.XVIII, p.269.
- 2) TERTULIANO. *Apologeticum*, XXXIX: ML 1, 471.
- 3) CONGREGATIO DE CULTU DIVINO ET DISCIPLINA SACRAMENTORUM. *Compendium Eucharisticum*. Città del Vaticano: LEV, 2009, p.411.



“Apostolado do Oratório – Devoção dos Primeiros Sábados”

Informativo destinado aos Supervisores dos grupos do Apostolado do Oratório

Sede do Apostolado do Oratório

Rua Francisca Júlia, 182 – CEP 02403-010 – São Paulo/SP

Telefone: (11) 2973-9477

E-mail: admoratorio@arautos.org.br